

O Discurso-Testemunho na América Latina: Voz em Resistência

The Discourse-Testimony in Latin America: Voice in Resistance

Alejandro López de Lara Marín¹

Universidades para el Bienestar Benito Juárez García

RESUMO

O presente artigo busca, por um lado, realizar uma análise sobre o significado do discurso testemunhal que floresce na segunda metade do século XX e, por outro lado, aproximar o leitor de obras que tiveram significado no terreno político e cultural de seu momento. A importância do testemunho na história da América Latina tem sido fundamental para a explicação de seu devir histórico, porém, sua valorização ainda é insuficiente, sobretudo nas esferas academicistas onde se empenham em reproduzir modelos empresariais de educação, onde a importância se encontra na "eficiência" de sua produção, no entanto, a pressão dos setores da sociedade menos favorecidos pelo neoliberalismo se mantém em pé de luta difundindo a outra versão através de sua palavra rebelde.

Palavras-chave: Discurso; Testemunho; Resistência; América Latina; Memória

ABSTRACT

This article seeks, on the one hand, to analyze the meaning of the testimonial discourse that flourishes in the second half of the twentieth century, and on the other hand, to bring the reader closer to works that had meaning in the political and cultural field of its time. The importance of the testimony in the history of Latin America has been fundamental for the explanation of its historical evolution, however, its valuation is still inconclusive, especially in the academic spheres where they insist on reproducing business models of education, where the importance lies in the "efficiency" of their production, however, the pressure of the sectors of society less favored by neoliberalism remain in struggle spreading the another version through his rebellious word.

Keywords: Word 1; Word 2; Word 3; Word 4; Word 5.

RESUMEN

El presente artículo busca, por un lado, realiza un análisis sobre el significado del discurso testimonial que florece en la segunda mitad del siglo XX, y, por otro lado, acercar al lector a obras que tuvieron significado en el terreno político y cultural de su momento. La importancia del testimonio en la historia de América Latina ha sido fundamental para la explicación de su devenir histórico, sin embargo, su valoración aún es inconclusa, sobre todo en las esferas academicistas donde se empeñan en reproducir modelos empresariales de educación, donde la importancia radica en lo "eficiente" de su producción, no obstante, la presión de los sectores de la sociedad menos favorecidos por el neoliberalismo se mantienen en pie de lucha difundiendo la otra versión a través su palabra rebelde.

Keywords: Testimonio; Resistencia; América Latina; Memoria

¹ Doctor en Estudios Latinoamericanos por la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Trabaja en el área académica de las Universidades para el Bienestar Benito Juárez García (UBBJG) en México.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“El tiempo me enseñó que los valientes escribirán la historia con su sangre, pero la historia escrita de los libros se escribe con la pluma del cobarde”.

Tabaré Cardoso

Na segunda metade do século XX, a presença de setores excluídos da América Latina na disciplina literária formou parte de narrações onde, da mesma forma podiam ser os protagonistas ou apenas simples terceiros que adornavam uma novela romântica ou trágica.

Grande parte da produção literária buscou captar a atenção do leitor em espaços temporais, em sua maioria limitados. O papel dos personagens não pretendia representar uma situação social que exigia ser transformada e sua voz não se fazia escutar.

Nesse sentido, o surgimento de uma forma distinta de conceber e criar a literatura a partir dos testemunhos dos excluídos e explorados pelo sistema político-econômico predominante marcou um rumo distinto na produção ocidental. É na América Latina, onde a denúncia do terror, da violência, da repressão se convertem em instrumentos de luta para transformar a vida, não apenas de quem o relata, mas também de toda uma sociedade que esteve submersa na opressão.

O presente artigo busca, por um lado, realizar uma análise sobre o significado do discurso testemunhal que floresce na segunda metade do século XX e, por outro lado, aproximar o leitor de obras que tiveram significado no terreno político e cultural de seu momento.

O mosaico testemunhal que percorre toda a América Latina é a expressão de uma história de sofrimento, mas também é a batida de corações que resistem, sonham e semeiam novas utopias que os acompanham em intermináveis marchas. A leitura de cada narração no século XX nos dá pistas para compreender os importantes avanços populares no terreno político e econômico da região. Não obstante, também marca os terríveis retrocessos que nos colocam frente a um passado que exige não ser esquecido. Que sirva este artigo para olhar a partir de diferentes janelas nosso passado e como este foi disputado pelos movimentos populares.

NOVELA TESTEMUNHAL

Desde a década de sessenta na América Latina se incrementou a necessidade de utilizar as letras como forma de aproximação à situação social que viveu a região. Buscou-se que o processo histórico fosse narrado pelos próprios protagonistas dos feitos, sobretudo daqueles que haviam sido calados por anos.

Os antecedentes destas narrações datam do processo colonial, a partir das narrações ou testemunhos dos frades que chegaram à América ou das interpretações que realizaram da população indígena, portanto, como gênero literário começou a ser utilizado na segunda metade do século XX. Um dos primeiros que incursionou no testemunho e que depois iniciou uma teorização sobre a forma com a qual se deve começar, foi o cubano Miguel Barnet.

Para ele a literatura latino-americana tem por natureza a luta. Nessa literatura registrou o que ele denominou a *novela-testimonio*, a qual nutriu com conceitos etnológicos, buscando que a realidade esteja impregnada nesse relato.

Sua obra, *Biografía de un Cimarrón* (1966) refere-se ao testemunho de um negro de 108 anos que viveu a escravidão em Cuba, utilizando as ferramentas de investigação etnológica propõe um trabalho que não seja dirigido à academia com uma linguagem mais digerível em que os usos de conceitos não seja o ponto central de desenvolvimento, mas a vivência e o cotidiano, resgatando símbolos, costumes e o transcurso entre o mundo submetido-escravo ao mundo submetido-assalariado.

Como o protagonista do relato viveu grande parte de sua vida nas montanhas, narra como foi a mudança na vida cotidiana da população afrodescendente, mostrando traços não somente individuais mas coletivos. Nesse sentido, a proposta de Barnet nos ensina a realidade, tomando os feitos mais relevantes para um povo ou uma sociedade, transmitindo-os através de um idôneo protagonista (Barnet, 1983).

Nesse sentido, Miguel Barnet propôs o surgimento de uma literatura nova, germinada praticamente a partir de seu livro, justificando-a através de um método que ele mesmo formula e no qual coloca ao informante o protagonista no centro, quer dizer, trasladou a metodologia das ciências sociais, de corte estruturalista, à investigação testemunhal classificando-a como uma concepção literária. Sustentando essa visão a partir da utilização de uma linguagem que buscou romper a esfera academicista, porém que, por sua vez, não se desligou de postulados sociológicos, antropológicos ou etnográficos para seu desenvolvimento.

Sua ideia é forjar o gestor da *novela-testimonio* como uma pessoa que possa despersonalizar-se, afastar-se de si, para ser o outro e só assim: “podrá pensar como él, hablar como él, sentir entrañablemente los golpes de vida que le son trasmitidos por el informante, sentirlos como suyos” (Barnet, 1983, p. 36).

Entretanto, a noção que utiliza para explicar um fenômeno histórico se inscreve na reinterpretação que se deve dar a um determinado processo, mostrar essa outra história que está oculta para complementar o testemunho e sobretudo sustentar os argumentos através de fontes

primárias que deem um panorama preciso do contexto em que se desenvolve o testemunho do informante. Barnet explicou que: “El juego recíproco de lenguaje que hay que establecer entre el protagonista y su época tiene que ser fiel y preciso. No puede nunca traicionar” (Barnet, 1983, p. 27).

Contudo, isso pode gerar uma contradição, já que se entendemos que os protagonistas ou informantes do testemunho são aqueles que tem sido silenciados por essa história oficial de heróis e feita a serviço de interesses das classes dominantes, dificilmente poderemos encontrar uma correspondência fiel entre o fenômeno histórico e o testemunho do personagem. Não obstante, o proposto por Barnet não deve ser tachado em sua totalidade, já que convida a fazer uma revisão a fundo sobre as fontes que podem ajudar a compreender melhor determinados processos que serão abordados a partir do testemunho.

Finalmente poderíamos dizer que o apresentado por Barnet como uma *novela-testimonio* ou *socio literatura* não obteve o impacto que o próprio escritor pretendia, ainda que contribua ao debate e desenvolvimento da investigação testemunhal.

DISCURSO-TESTIMONIO

A análise e proposta para abordar ao testemunho não acaba com Barnet, a reflexão e a utilização deste terá um impulso maior nas seguintes décadas, ao ponto que tem grande legitimidade tanto na academia como nos movimentos sociais. Dos textos que ajudam a explorar os alcances do testemunho são os de: *El discurso-testimonio* de Renato Prada Oropeza e o de *Los laberintos de la memoria en el testimonio* de Silvia Soriano Hernández (Soriano, 2007).

Em *El discurso-testimonio*, se faz uma revisão histórica na América Latina, colocando o período da conquista como a primeira literatura testemunhal. A importância desta é que se vá a dotar de características que irão perdurando e agregando-se ao largo da história latino-americana.

Ainda perdura mais a verdade do conquistador, pelo número de publicações que se tem encontrado, também têm vindo à luz importantes testemunhos dos vencidos. Não obstante, ambos, por serem discursos testemunhais buscam um valor de verdade. Não é a finalidade aprofundar sobre o ocorrido durante o período da conquista, mas é necessário identificar que esses primeiros testemunhos contêm elementos que o dotam de intertextualidade, quer dizer, supõem outra versão ou interpretação.

Nesse sentido e seguindo Prada podemos situar a função que vem tendo o discurso escrito, histórico e literário na América Latina, a qual é a de testemunhar sobre a verdade dos fatos, sobretudo dramáticos, que tem formado parte da história da região.

A evolução desses discursos literários e históricos na América Latina torna possível o surgimento e consolidação do testemunho o *discurso-testimonio*, conceito que Prada coloca e define como uma “mensaje verbal en primera persona, preferentemente escrito para su divulgación editorial aunque su origen primario y estricto sea oral, cuya intención explícita es la de brindar una prueba, justificación o comprobación de la certeza o verdad de un hecho social, previó a un interlocutor, interpretación garantizada por el emisor del discurso al declararse *actor* o *testigo* (mediato o inmediato) de los acontecimientos que narra” (Prada, 2001, pp. 13-14). Outros autores retomarão o conceito, entre eles, Silvia Soriano.

Ressalta aqui a importância de conceber o discurso-testemunho como um processo oral que buscou decorrer ao processo escrito e o ressalta Silvia Soriano em *Los laberintos de la memoria en el testimonio*. Destaca que sua fonte primária é a oralidade. Nesse sentido, seguindo tanto a Prada como a Soriano poderíamos caracterizar o discurso-testemunho da seguinte maneira:

- a) Os acontecimentos relatados contêm uma contemporaneidade.
- b) Testemunha-se a partir de uma situação social em resistência, onde o emissor busca influir no receptor para que este tome consciência e possa escutar outra versão, que tem sido negada.
- c) O papel de interlocutor é pedra angular no testemunho, já que não pode ser concebido um relato sem a participação de um terceiro, em todo caso poderia ser tachado de autobiografia.
- d) Uma última mas não menos importante é que a função do discurso-testemunho não será para expor a situação individual daquele que relata, ainda que, é óbvio será o protagonista, o faz desde uma coletividade, que dizer, narra um eu social. (Soriano, 2007 e Prada, 2001).

Ambos autores utilizam discursos-testemunhos para explicar tanto a definição quanto as características do gênero latino-americano que estão analisando, dois deles são o de *Si me permiten hablar... Testimonio de Domitila una mujer de las minas de Bolivia*, e, *Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*. Nos dois podemos encontrar um eu social que luta pela transformação de sua situação, a quem não interessa contar seu relato de forma individual, já que sua luta não é de uma só pessoa, mas é coletiva, como o são os sofrimentos porque tem passado.

No caso de Domitila encontramos o eu social, não somente no esclarecimento, antes de iniciar o testemunho, mas durante toda a narração que explica tanto a marginalidade em que vivem como a resistência que levam:

Hay veces que los padres no tienen siquiera un bocado para llevar a la boca, pero siempre consiguen algo para los niños. Y no les hacen ver lo difícil de la vida que llevamos y los niños no se dan cuenta de la realidad. Y cuando se van a la universidad, no quieren decir que son hijos de mineros, que son hijos de campesinos. Y ya no saben hablar nuestro lenguaje, nuestro idioma. Quiero decir que todo lo analizan y todo lo explican en una forma tan complicada, que no logramos entenderlos. Y esto es una gran falla, porque los que van a la universidad aprenden tantas cosas y deberíamos todos aprovechar de eso, ¿no es cierto? Pienso que tienen que poder hablar y escribir de una manera científica, sí, pero comprensible también para nosotros y no siempre en un lenguaje que solamente ellos comprenden. (Viezza, 1977, pp. 60-61).

Nesse parágrafo vemos como Domitila abordou ao menos dois problemas sociais, um, o da falta de responsabilidade das novas gerações tanto para com os pais como para com a comunidade e dois, a falta de compromisso social que perdura na universidade e sobretudo o cientificismo que faz com que se afastem dos problemas do país ou da comunidade. Sua denúncia não é para resolver um contexto individual, mas coletivo.

No caso de Rigoberta, acontece o mesmo, ainda que com diferenças muito marcadas, já que o eu social o coletivo o leva, em uma primeira etapa, ao plano cultural. Descreve de forma muito detalhada a comunidade onde se desenvolve sua explicação, exaltando as tradições ou costumes. E em uma segunda etapa, Rigoberta aprofunda mais na formação e atividade política, tanto dela como de sua família.

Ao anterior devemos adicionar a função da memória no testemunho, peça chave para poder levar a cabo o relato e sobretudo que cumpra sua finalidade. Para a autora de *Los laberintos de la memoria en el testimonio*, a memória é seletiva, discrimina feitos e inclui acontecimentos recentes. Nesse caso, nos dois exemplos anteriores podemos perceber de onde testemunham, especialmente no caso de Rigoberta que busca apoio para a causa em que está imersa. Não abordaremos no presente ensaio, a polêmica que se gerou a partir da publicação do artigo de David Stoll, que questiona a veracidade de Rigoberta Menchú, polêmica que Silvia Soriano expõe e analisa desde diferentes cenários.

Finalmente, para concluir com estes dois exemplos de testemunho, abordaremos o papel que desempenharam duas entrevistadoras: Elizabeth Burgos, en el caso de Rigoberta y Moema Viezza com Domitila.

Ambas não são originárias do país em que se desenvolvem os cenários narrados, no entanto, pertencem ou militam em movimentos de esquerda, o que faz com que tomem partido das lutas que empreendem suas testemunhas, ainda que dificilmente se conheça de onde este tipo de interlocutoras puderam ser ativas no interior de cada movimento, o que é certo é que não existiriam os dois livros sem a participação delas.

Os dois escrevem em contextos semelhantes, embora em momentos diferentes. Eles não teorizam sobre discurso-testemunho. Mas elas estabelecem as bases de novas estratégias metodológicas.

TESTEMUNHOS COLETIVOS

Ainda que, em sua maioria, os testemunhos coletivos possam ser entendidos pela análise que se realizou anteriormente, é necessário refletir sobre alguns exemplos onde são mais de uma as testemunhas ou no caso onde são mais de um os interlocutores.

Três casos serão abordados: *Nos hemos forjado así: al rojo vivo y a puro golpe. Historia del Comité de Amas de Casa de siglo XX.* (Lagos, 2006); *De abuela a nieta. Historia de mujeres salvadoreñas* (Gorkin, 2003); y, *Mujeres de fuego* (Salazar, 1993).

Os três textos compartilham características em comum, todos são narrados por mulheres e ainda que narrem a partir de diferentes cenários o fazem para não esquecer: Aquelas mulheres trabalhadoras do lugar e seu rol protagônico na história do movimento mineiro da Bolívia; As avós, as netas e as mães de El Salvador que contam a história de sua vida, transmitindo por sua vez o sentimento profundo da mulher salvadorenha através de diferentes gerações e diferentes classes sociais atravessadas pela guerra, de diversas posições, envoltas em fenômenos de violência.

Partindo de uma visão política, passando por uma geracional e finalmente vivencial, as mulheres testemunhas apresentam um *eu coletivo*, mas com peculiaridades. A situação na qual a mulher se encontra desde diferentes contextos e sua condição é produto de um devir histórico que as têm limitado, submetido e reprimido a uma forma de vida, que a sua vez, as converte em mulheres que resistem e lutam para transformar sua circunstância em cada esfera interior por que atravessam, sem descuidar um só momento da sobrevivência exterior. Portanto, o *eu coletivo* parte do gênero.

Por exemplo, em *Nos hemos forjado así...* as dez protagonistas (Elena Vidal de Enríquez, Alicia Chavarría de Escobar, Justina Rocabado de Guevara, Eugenia Azcuy de Hurtado, Prima Prado de Osorio, Gerónima Jaldín de Romero, Norma Arancibia de Salguero, Julia Cruz de Siles, María Fernández de Valeriano, Brígida Fernández de Velarde) não pretendem falar em nome de todas as ex donas de casa porque reconhecem que cada uma tem suas próprias histórias para contar. Não obstante, sua denúncia expressada em sua prática engloba o que viveu a mulher mineira na Bolívia:

El apresamiento de los líderes sindicales despertó la indignación de toda la población minera. Las esposas e hijos de los dirigentes detenidos viajaban con frecuencia a la ciudad de la Paz a exigir la libertad de sus seres queridos... la mujer tomó la iniciativa de organizarse, como un instrumento auxiliar del movimiento sindical, para luchar por las justas reivindicaciones proletarias. Es así que un 21 de junio de 1961 se organizó un comité ad hoc destinado a sentar las bases de lo que posteriormente sería el Comité de Amas de Casa. (Lagos, 2006, p.34).

Entretanto, em *De avó a neta...* existe um fio condutor e é o do conflito que sacode El Salvador de 1980 a 1992. As nove mulheres entrevistadas se veem afetadas por essa guerra. O conflito está presente em cada uma de suas vidas e o interessante está em como cada avó, mãe e neta pertencem a uma classe social distinta, as perspectivas da causa e os resultados da guerra são diferentes, não obstante na questão cultural se encontra algumas similitudes com a opressão da mulher:

... en el ámbito de la libertad sexual... la ideología del machismo todavía mantiene cautivas las mentes de los salvadoreños, incluyendo la de muchas mujeres. En la era de las abuelas, se esperaba el consentimiento y consejo de los padres para iniciar una relación. En la actualidad, las mujeres son sustancialmente más libres para tener amistades del sexo opuesto y seleccionar a su pareja; pero aún así, predomina el doble estándar sexual. En todos los niveles sociales se espera que las mujeres lleguen vírgenes al matrimonio o a una relación libre formal (Gorkin, 2003, p. 26).

Enquanto em *Mulheres de fogo*, a violência é o fio condutor das histórias de colombianas, tanto a violência intrafamiliar, política e social, “mujeres que dedicaron su vida a la lucha guerrillera, de las jóvenes que participaron de las Milicias Populares, de las que vivieron en el mundo del sicariato y el narcotráfico, de las mujeres y familiares de los desaparecidos, de las jueces”. (Salazar, 1993, pp. 23-24)

Uma reflexão final sobre os testemunhos coletivos é poder combinar diferentes concepções sobre um processo específico, quer seja com vários das/dos testemunhas que participam dentro do mesmo processo ou quer se encontrem em cenários distintos. Em todo caso, consegue cumprir com o propósito de que falava Prada ou Soriano: relatar acontecimentos de um passado imediato e testemunhando a partir da luta ou da resistência, não somente política e social, mas também cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do testemunho na história da América Latina tem sido fundamental para a explicação de seu devir histórico, porém, sua valorização ainda é insuficiente, sobretudo nas esferas academicistas onde se empenham em reproduzir modelos empresariais de educação, onde a importância se encontra na “eficiência” de sua produção, no entanto, a pressão dos setores da

sociedade menos favorecidos pelo neoliberalismo se mantém em pé de luta difundindo a outra versão através de sua palavra rebelde.

Bem disse a escritora mexicana Elena Poniatowska: “no hay literatura testimonial sobre la riqueza, porque los magnates siempre tienen un escritor fantasma o un amanuense a quien dictarle su autobiografía. La historia oral está relacionada con la pobreza porque es fundamentalmente una denuncia y una acusación” (Poniatowska, 2003)

Quer seja gênero literário ou simplesmente documento, o testemunho se converte em um instrumento fundamental para a busca de uma sociedade mais justa, é a arma primordial dos povos oprimidos. Porque sua voz se atreve a romper o silêncio e denunciar as atrocidades dos tiranos.

REFERÊNCIAS

BARNET, Miguel. **Biografía de un cimarrón**. La Habana: Instituto de Etnología y Folklore, 1966.

BARNET, Miguel. La novela testimonio: socio-literatura. **La fuente viva**. La Habana: Letras Cubanas, 1983

GORKIN, Michel; PINEDA Marta; LEAL Gloria. **De abuela a nieta. Historia de mujeres salvadoreñas**. San Salvador: UCA, 2003.

PONIATOWSKA, Elena. Conferencia en Casa Lam, el jueves 2 de junio del 2003. **La jornada, sección Cultura**, 3 de junio de 2003. <http://www.jornada.unam.mx/2003/07/03/03an1cul.php?origen=cultura.php&fly=1>

PRADA, Renato. **El discurso testimonio y otros ensayos**. México: UNAM, 2001.

SALAZAR, Alonso. **Mujeres de fuego**. Medellín: Corporación Región, 1993.

SORIANO, Silvia. Los laberintos de la memoria en el testimonio en HUAMÁN Carlos (coord.) **Voces nuevas. América Latina en su transfiguración oral y escrita**. México: CIALC-UNAM-UAEM, 2007.

VIEZZER, Moema. **Si me permiten hablar testimonio de Domitila una mujer de las minas de Bolivia**. México: Siglo XXI, 1977.

Submetido em: 15 de agosto de 2022.

Aprovado em: 15 de março de 2023.

Publicado em: 30 de agosto de 2023.